

SUGESTÃO DE CITAÇÃO

DALLA, Roberto A.. EUA-China e o Processo de “Desglobalização” Econômica no Século XXI. DPolitik - Periódicos científicos, 27 jul. 2026.

EUA-China e o Processo de “Desglobalização” Econômica no Século XXI

Idioma: Português

Enviado: 03/03/2026 · Aceito: 27/07/2026 · Publicado: 27/07/2026

Autores

Roberto A. Dalla

Universidade Federal do ABC (Brasil) · ORCID 0009-0009-2125-4580 · Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3766687349913361>

Graduando em Bacharelado em Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do ABC.

Resumo

A partir do pós-segunda guerra mundial iniciou-se no mundo um processo de integração econômica e a formalização de um mercado comum, que acabou por aumentar a produtividade e o consumo, norteados pelo esforço da hegemonia estadunidense. Entretanto, a partir de 2016, passou a ocorrer um movimento de afastamento econômico e geopolítico entre os atores no âmbito desse mercado unificado; um processo que parece se configurar como um movimento de “desglobalização”. A hipótese aqui adotada é que este fenômeno acontece devido a uma agenda de protecionismo crescente em um contexto de polarização geopolítica da ordem mundial entre as potências líderes globais: Estados Unidos da América (EUA) e China. O fenômeno se mostra mais evidente a partir dos governos de Donald Trump (2016-2020; 2025-), atual Presidente dos EUA, com a adoção de um isolacionismo em sua saga em defesa e em oposição ao avanço do domínio chinês sobre o mercado mundial. Assim, encontra-se agora a transição para um mercado com características retrocedendo ao protecionismo, configurando novas agendas de isolacionismo econômico em um momento de desintegração.

EUA-China e o Processo de “Desglobalização” Econômica no Século XXI

The US-China Interaction and the Process of Economic "Deglobalization" in the 21st Century

Roberto A. Dalla

Resumo: A partir do pós-segunda guerra mundial iniciou-se no mundo um processo de integração econômica e a formalização de um mercado comum, que acabou por aumentar a produtividade e o consumo, norteado pelo esforço da hegemonia estadunidense. Entretanto, a partir de 2016, passou a ocorrer um movimento de afastamento econômico e geopolítico entre os atores no âmbito desse mercado unificado; um processo que parece se configurar como um movimento de “desglobalização”. A hipótese aqui adotada é que este fenômeno acontece devido a uma agenda de protecionismo crescente em um contexto de polarização geopolítica da ordem mundial entre as potências líderes globais: Estados Unidos da América (EUA) e China. O fenômeno se mostra mais evidente a partir dos governos de Donald Trump (2016-2020; 2025-), atual Presidente dos EUA, com a adoção de um isolacionismo em sua saga em defesa e em oposição ao avanço do domínio chinês sobre o mercado mundial. Assim, encontra-se agora a transição para um mercado com características retrocedendo ao protecionismo, configurando novas agendas de isolacionismo econômico em um momento de desintegração.

Palavras-chave: Desglobalização; Mercado-Globalizado; Polarização-Geopolítica; EUA-China; Protecionismo Econômico.

Abstract: Starting in the post-World War II era, the world began a process of economic integration and the formalization of a common market, which ultimately increased productivity and consumption, driven by the efforts of US hegemony. However, from 2016 onwards, a movement of economic and geopolitical distancing began to occur between the actors within this unified market; a process that seems to be configured as a movement of "deglobalization." The hypothesis adopted here is that this phenomenon occurs due to a growing protectionist agenda in a context of geopolitical polarization of the world order between the leading global powers: the United States of America (USA) and China. The phenomenon has become more evident since the governments of Donald Trump (2016-2020; 2025-), the current President of the USA, with the adoption of isolationism in his saga in defense of and opposition to the advance of Chinese

dominance over the world market. Thus, we are now transitioning to a market with characteristics that revert to protectionism, shaping new agendas of economic isolationism at a time of disintegration.

Keywords: Deglobalization; Global Market; Geopolitical Polarization; USA-China; Economic Protectionism

1 Introdução

A partir de 2016, o mundo tem passado por um período de turbulência institucional e transformações na dinâmica das relações econômicas e geopolíticas entre os atores internacionais. Observando isso, se compreende um período de maior incerteza, em que as relações e o sistema econômico global, como estavam estabelecidos desde a década de 1990, no ideário da globalização neoliberal, não se mostram mais da mesma forma. Muito disso se torna evidente com o governo Trump e um sistemático avanço das políticas e da retórica protecionista; a proposta de um isolacionismo se tornou cada vez mais presente e operacional.

Dessa forma, se questiona a estabilidade do próprio processo da globalização. O mundo pós-consenso de Washington se organizou de maneira globalizada, com a consolidação do sistema financeiro internacional liberal e das cadeias globais de valor. Isto representa um aumento da interdependência entre esses países, especialmente entre as duas maiores potências desse cenário, Estados Unidos da América e China. Porém, esse mesmo paradigma se mostra em aparente crise, na conjuntura atual o multilateralismo como antes conhecido se apresenta, de certa forma, em decadência, refletindo como “hoje, enquanto enfrentamos um recuo da ordem liberal internacional baseada em regras, com líderes autocráticos e demagogos governando países que concentram mais da metade da população mundial, a ideia de Fukuyama parece ingênua e ultrapassada.” (STIGLITZ, 2019, s.p.) .

Assim, observando esse cenário, este estudo parte da seguinte questão, verificar a concretude de um processo de “desglobalização”, definido segundo a presente crise do multilateralismo, e a perda da confiança, credibilidade e abandono de algumas de suas instituições e discurso, representaria uma ruptura sistêmica? Buscando, portanto, verificar, investigando a última década, se a globalização estaria entrando em um processo de descontinuação, resultado dessas transformações. E entender quais são os termos em que esse processo se dá.

Parte-se, então, da hipótese de que a desglobalização estaria sim em seu princípio, e que o multilateralismo, como regido pelo paradigma liberal do Consenso de Washington, estaria perdendo força e não se apresenta mais na atualidade da mesma maneira dogmática. Realizando, portanto, a testagem desta hipótese através de uma análise histórica comparativa. Primeiro, reconstruiu-se historicamente o processo de formação da globalização e a universalização do ideal neoliberal como projeto, para depois contrapor esses fatores respectivamente nos dias de hoje, e entender com isso se eles permanecem ou se agora enfrentam instabilidade, incerteza e redução, refletindo a transição para uma nova ordem, mais protecionista e neo-nacionalista.

2 Do Consenso de Washington às Políticas Protecionistas do Contexto Trump

O período que decorreu seguindo a década de 1990, com o final da Guerra Fria e a queda do Muro de Berlim, foi um momento de otimismo para um sonho da cooperação e integração internacionais, marcadamente reconhecido como o processo de globalização. Todavia, é necessário manter em mente que esse fenômeno, por si só, é verdadeiramente complexo e amplo e modificou o mundo e a realidade contemporânea. Sendo por isso moldado por uma série de contextos, designando também, a partir de si, uma nova configuração da ordem mundial.

Assim, parte-se da premissa, cunhada por Anthony Giddens (2003) de que a globalização é um processo multifatorial que reconstruiu o próprio cotidiano para um contexto muito menos local e mais externalizado. O que, nesse sentido, forçou uma mudança de todas as esferas da sociedade e do domínio público, especialmente quando se pondera sobre as questões econômicas e financeiras, como as aqui investigadas. A partir do final do século XX, as relações comerciais, a economia política e as trocas de bens e serviços participam de um cenário integrado. Nele o fluxo de capital é guiado pelo ímpeto liberal, refletindo como “a liberdade do capital de se mover para onde e quando quiser tornou-se um princípio fundamental da reestruturação neoliberal” (HARVEY, 2005, p. 68), que pretendia desconhecer quaisquer fronteiras.

Contudo, a partir de 2016 se observa um crescimento de movimentos isolacionistas, somado à emergência de uma onda de um novo nacionalismo, retomando conceitos da supremacia patriótica de maneira radical, perfeitamente exemplificados pela eleição de Donald Trump nos Estados Unidos da América. A partir disso, surge a hipótese motivadora desta pesquisa, a de que o mundo estaria começando a passar por um processo de “Desglobalização”, como descontinuação do projeto de integração e

codependência anterior, o qual, exatamente por isso, se mostra necessário melhor investigá-lo e compreendê-lo. Por isso, nesse artigo, criteriosamente busca-se uma resposta que possa contemplar um consenso mínimo entre a confusão de forças desintegradoras da dinâmica econômica e da cooperação política e a resiliência de um sistema internacional que tenta se manter atuante. Além de verificar se, de fato, esse processo de distanciamento passou a tomar forma.

Então, almeja-se neste estudo demonstrar, uma dinâmica de “desglobalização” que se entende como um desmonte ou o processo de globalização como consolidado anteriormente. Associado a um fenômeno de enfraquecimento das relações econômicas entre os atores internacionais, tanto políticos quanto financeiros e produtivos, frente à atualmente testemunhada polarização desestabilizadora da macroeconomia internacional. A qual corresponderia à hipótese posta a teste, que toma como objeto a ideia de um processo de desarticulação econômica mundial como efeito de uma polarização isolacionista entre as duas grandes potências do século XXI, Estados Unidos e China. E, sobre essa lógica, verifica-se o surgimento de um processo de “Desglobalização”, como enfraquecimento de um mercado global interdependente e unificado e do modelo de cotidiano e *status quo* que ele representava.

Para isso, é importante construir, a priori, uma compreensão do conceito de globalização. A isso se ocupa a primeira parte desta pesquisa, a formulação de um ponto comum do que foi o processo de globalização que tomou o espaço e a hierarquia mundial no final do século passado. Assim, aponta esse processo reconhecendo que “Globalização não é um processo único, mas uma mistura complexa de processos, os quais muitas vezes são contraditórios e que produzem conflitos, desjunturas e novas formas de estratificação” (GIDDENS, 1994, p. 5) e assim também se apresenta na dinâmica econômica a qual configurou. Então, observa-se um modelo de unificação econômica e integração de um mercado comum, que vinha tomando força desde o pós-segunda guerra mundial, o qual segundo Tavares e Fiori (1997) foi proposto e defendido pela influência dos Estados Unidos da América e do Reino Unido (como um projeto defendido pelo Ocidente) na economia internacional.

Portanto, a globalização foi um movimento importante para promover a aplicação de desenvolvimento internacional interligado, como demonstrado por Jacques Adda (1996 apud CAMPOS; CANAVEZES, 2007, p. 13) em que “A mundialização é também, sobretudo, um processo de contornar, atenuar e, por fim, dismantelar as fronteiras

físicas e regulares que constituem obstáculo à acumulação do capital à escala mundial”. Ou seja, uma manobra macroeconômica rumo a um ponto comum de parcerias de troca, fundamental para a consolidação de um sistema capitalista de realização em escala generalizada.

Tal modelo de globalização assumiu como norma as propostas do chamado “Consenso de Washington”, uma reunião das principais instituições e atores econômicos que ocorreu em 1989 na capital americana. Com isso, o processo, então, passou a adotar mandamentos essencialmente de disciplina macroeconômica e aberturas de mercados exteriores, demonstrando como em seu cerne “O Consenso de Washington foi um consenso para liberalização e globalização” (STIGLITZ; SERRA; SPIEGEL, 2008, p. 6), sendo formalizado como um caminho para uma esperada construção do livre mercado internacional.

Nesse período, esses atores, como Estados Unidos e União Europeia, com grande protagonismo econômico, entendiam a liberalização comercial como um paradigma benéfico e de interesse prático, com aplicação quase mandatória, tornando a globalização, de certa forma, o padrão oficial, o que, ao que parece, mudaria mais adiante. Segundo a organização do, ex-ministro da economia, Luiz C. Bresser- Pereira (1991) os principais “objetivos aconselhados” do Consenso estabeleciam regras para a abertura de mercados, para a redução de impostos e tarifas alfandegárias e para a facilitação desregulada para as trocas e a comercialização. Refletindo como o crescimento exponencial da globalização até o começo do século XXI era produto do também crescimento das ações neoliberais.

Seguindo essa lógica, é possível perceber que o Consenso de Washington tinha em si certos “erros sintáticos” que criaram hora uma globalização superficial, ainda que concreta, e hora efeitos colaterais inesperados. O mais evidente destes efeitos colaterais foi a criação de uma nova superpotência, a China, sustentada pelo desenvolvimento de uma nova cadeia produtiva transnacionalizada, como argumentado por G. Arrighi “a ascensão da China é inseparável da reestruturação da economia mundial iniciada pela globalização liderada pelos Estados Unidos.” (ARRIGHI, 2007, p. 15). Esse crescimento chinês e sua específica relação com os Estados Unidos e suas diferentes administrações são explorados no terceiro capítulo, enquanto auxiliam na representação de um retrato do que foi este “mundo globalizado”.

Assim, observa-se todo um movimento de abertura econômica chinesa planejada pelas reformas governamentais do presidente Deng Xiaoping(1978 a 1989) que permitiu a entrada de multinacionais e logo a formulação de uma produtividade internacionalizada. Com isso “Xiaoping, [...] aproveitou as possibilidades de cooperação criadas pela internacionalização. [...] as indústrias de bens de consumo, a agricultura e as províncias costeiras, que tinham uma vantagem comparativa internacional oferecida pelo factor mais abundante da China, o trabalho. “ (SHIRK, 1996, p. 187), estabelecendo definitivamente o papel da China na dinâmica econômica mundial.

Dessa forma é necessário compreender a evolução das relações econômicas e geopolíticas entre China e EUA. As quais se entende que, até a administração Obama, existia um cenário de cooperação e parceria econômica, reflexo dessa cadeia produtiva e do ciclo de consumo que se tornava interdependente transnacionalmente. Contudo, a partir da primeira administração Trump, essa integração de mercado se torna mais desestabilizada e passa pouco a pouco a se desconstruir, sendo confrontada pela aplicação de um projeto protecionista, iniciando um novo movimento rumo à desglobalização.

Assim, a partir de 2016 e do final da última década se observa um novo momento de crescente tendência ao isolacionismo e um distanciamento econômico e geopolítico entre os países. Fazendo com que seja necessário entender quais são as primeiras observações desse fenômeno e como se demonstra sua percepção socioeconomicamente, atividade da qual se despende o quarto capítulo. Formulando uma inicial compreensão de como se dá esse descompasso da dinâmica econômica internacional perante a polarização de seus principais atores.

Parte-se, então, do entendimento de que, com o final da última década, ganhou força um movimento de ultranacionalismo, com pautas que colocam os interesses domésticos como contrariamente irremediáveis à homogeneização da globalização. Como na ideia elaborada do chamado “Gridlock” (“Impasse”) conceitualizada por Held, Young e Hale (2013), que apresenta o cenário de um “ponto de não retorno” com o crescimento da desarmonia entre as nações e as falhas de comunicação entre potências, questão claramente vista na competição que se desenvolve para rivalidade entre EUA e China.

A integração conduzida em partes pelo ocidente até o começo do século perde força, questionada por interesses ligados à soberania e à supremacia econômica de agentes fundamentais. Uma vez que, nos anos recentes, se testemunha um contexto da “atual

desaceleração global dos processos de integração". [...] Marcada pela retração econômica, pela apatia dos mercados" (ALVARENGA ALVES, 2021, p.116). O qual é agravado pela diminuição de fluxos de trocas comerciais e capitais bancários, resfriamento esse que foi também ainda mais aprofundado pela pandemia.

Ou seja, aquele processo que na virada do milênio parecia sólido e empurrando o mundo rumo a um movimento uniforme de integração, passa a se desconstruir e ser descontinuado por conflitos de interesses e agendas próprias. Se antes a globalização fora vista, segundo o paradigma estabelecido, como um processo natural, imutável e infinito, agora isso se desilude e contrasta com uma realidade de decréscimo, um novo momento, de desglobalização.

Dessa forma, aquele pressuposto liberal, como contido na agenda do Consenso de Washington, de unificação de mercados e eliminação de fronteiras é gradativamente interrompido por uma nova lógica, que ganha corpo, e principalmente voz, na figura e administração de Donald Trump, recriando um moderno protecionismo. Portanto, é observando as ações da administração Trump e seus discursos que se formula a verificação de um novo protecionismo econômico.

Nesse sentido, se observa atualmente, em discursos de campanha a efetivas políticas macroeconômicas do governo Trump, que uma retórica contrária e odiosa à globalização, e não apenas uma crítica reformista ou oposição tradicional, tomou o contexto político do final da última década, motivado por um avanço reacionário. Assim, fazendo com que uma parcela da população, especialmente de países desenvolvidos, aqueles que se sentiam "deixados para trás" pela globalização, como os "blue collar workers" nos EUA, se organizassem em movimentos em defesa do afastamento. Com isso permitindo que "Demagogos protecionistas e nacionalistas ganharam relevância em todo o mundo e obtiveram sucesso considerável – incluindo a obtenção da presidência dos Estados Unidos. Eles têm agora o poder de seguir a sua retórica protecionista com políticas protecionistas" (STIGLITZ, 2017). Demonstrando a ascensão de um período de isolacionismo e singularidade nacional auto-centrada.

Assim, os governos Trump I e II (2016-2020; 2025-) implementam uma série de medidas demonstrando a agenda chamada "America first", que seriam propostas focadas na "América em primeiro lugar", Na prática, são medidas de isolamento econômico e geopolítico, como nos casos da saída dos acordos de comércio Transpacífico, da ampliação de barreiras alfandegárias contra China, Canadá e México,

e dos constantes ataques a pareceres da Organização Mundial do Comércio (VIETOR, 2020). Configurando um movimento de formação de “ilhas” econômicas, em que a ambição principal da dinâmica econômica americana passa a ser uma realização interna e a busca pela reindustrialização e pelo combate ao déficit fiscal.

De certa forma, essas medidas refletem duas inspirações do protecionismo reacionário de Trump. Por um lado, uma rivalidade que entende a expansão de mercado chinesa como uma ameaça, enquanto por outro satisfaz a opinião pública daquela camada que foi preterida pela externalização da cadeia produtiva, ainda que com isso ignore a contemplação de consumo, como elaborado pela interpretação de Joseph E. Stiglitz, na qual aponta que:

A disparidade entre o que foi prometido pela globalização e o que foi entregue irritou a muitos e levou a uma desconfiança crescente nas elites – na política, na mídia, e na Academia. Algumas dessas críticas são equivocadas, outras são merecidas. A teoria econômica explicou que a globalização prejudicaria os trabalhadores não qualificados nos países avançados. A desonestidade não surgiu dos acadêmicos, mas dos políticos e daqueles do mundo empresarial e financeiro que se beneficiaram da globalização, mas não quiseram enfrentar os seus lados mais obscuros e não quiseram fazer nada sobre os seus efeitos adversos. (STIGLITZ, 2017).

Também assim, se configura o atual mandato de Trump (2025-2028), já iniciando-se com a implementação de novas medidas protecionistas, algumas das quais aprofundam o isolamento de seu primeiro mandato, ainda que em evidentes níveis moderados, do comércio internacional. Estabelecendo tarifas de 25% sobre importações de Canadá e México, barreiras alfandegárias de 10% sobre produtos importados da China, e ameaças de taxações até sobre microchips fornecidos por Taiwan, em um sistema de parceria histórico, bem como sobre outros aliados como Colômbia e União Europeia. O que em abril de 2025 se configura na realização do pacote de “tarifas recíprocas” aplicadas sobre todos os parceiros econômicos dos EUA, sancionadas no chamado “Dia da Libertação”, o qual representou um ponto de inflexão na ordem comercial internacional, produzindo aquilo que a própria diretora-geral da Organização Mundial do Comércio definiu como uma “disrupção sem precedentes” das regras do comércio global (OKONJO-IWEALA, 2025).

Desse modo, verifica-se um novo cenário e modelo da dinâmica econômica mundial e de como um de seus atores fundamentais se comporta. Se mostra factual que a percepção

americana agora é de que o crescimento chinês é uma ameaça com a qual não é possível cooperar ou permanecer. A partir desse receio, os EUA passam a se mover rumo a um distanciamento da potência asiática, o que conseqüentemente, carrega consigo todo um sistema internacional de mercados integrados, que tinha como destaque exatamente a transnacionalização do modelo produtivo do “designed in USA, made in China”.

O que demonstra como que, ainda em estágio inicial, aquele ciclo de uma cadeia produtiva transnacionalizada, com consumos mundializados, e uma economia capitalista de realização universal, perde força e é confrontado por um impedimento. O fato de que os Estados Unidos, aquele que outrora se apresentou como motor fundamental da globalização, agora se coloca como parte de seu processo de frenagem, forçando uma desaceleração dos projetos de liberalização de mercados e uma economia unificada.

Essa desglobalização é fruto de um ambiente econômico que se mostra desestabilizado, impactado pela mudança de movimento de atores que eram (e ainda são) a pedra angular para sustentá-lo, na organização como havia se arquitetado. Em um cenário, o qual, agora se vê imerso em uma crescente de inseguranças na dinâmica de seus atores, em que cada Estado e agente se preocupa diretamente com questões internas imediatas e estratégias para a prevalência nacional soberana. Um cenário em que, como apontado, surge às sombras de uma guerra comercial entre EUA e China.

Assim, se debruça sobre as repercussões e diferentes perspectivas que cobrem essa guerra comercial. Explorando como se dá o desdobramento internacional desse novo paradigma protecionista e isolacionista, especialmente interpretando as ações de resposta da China. A qual ora parece tentar realizar a manutenção, ideologicamente contraditória, da globalização liberal, e ora reafirma o contexto e toma medidas igualmente protecionistas que aumentam o distanciamento da parceria econômica com os EUA.

Dessa forma, entende-se que os riscos dessa polarização serão um fator decisivo para moldar o mundo atual e sua ordem mundial. Uma vez que “a capacidade de cooperação, ou a disposição de confrontação entre Pequim e Washington, terá a força de modular os contornos desta Era. [...] Crê-se, cada vez mais, que a rivalidade ou a competição entre a China e os EUA moldará o futuro do mundo em todas as dimensões.” (KALOUT e COSTA, 2022. p. 71). Influências as quais já se mostram

determinantes em relações e conflitos atuais entre eles, como na disputa por terras raras, Inteligência Artificial, e cadeias estratégicas de valor, como o distanciamento decisivo para a desintegração da qual resulta a desglobalização.

Se faz necessário, então, buscar entender o peso de posicionamentos do governo chinês em medidas que podem ao mesmo tempo serem entendidas como um ainda resiliente esforço para a cooperação internacional, bem como planos de polarização das relações de troca. Dentre essas ações, uma das que mais se destaca é o novo foco dado a projetos como a expansão do bloco do BRICS, pauta que vem ganhando força e as graças do apoio chinês. E que pode tanto se tornar um movimento de reconexão do comércio internacional, servindo como resistência à onda isolacionista, quanto também poderia representar a montagem de um bloco fechado de relações de troca em oposição ao ocidente, o que aprofundaria a desintegração e polarização mundial (MILANOVIĆ, 2019, p. 147).

Desse modo, a pesquisa inicialmente produz um retrato do que foi o mundo globalizado e a compreensão do processo de globalização, em seus fatores de formação e efeitos. E assim, em um segundo instante, compara esse fenômeno com as conjecturas da realidade contemporânea, verificando a ascensão de movimentos de isolacionismo, o crescente modelo de um protecionismo neo-nacionalista e o distanciamento por ele causado entre as grandes potências econômicas, EUA e China. Buscando, portanto, compreender as consequências disso e o cenário de desintegração, colocando à prova a hipótese explorada da desglobalização.

3 Conclusões

Desse modo, compreende-se que, desde 2016, o mundo assistiu a um gradual crescimento do protecionismo. O que culminou na eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e no fortalecimento do discurso e das políticas isolacionistas na dinâmica econômica e geopolítica. Ao considerar que “demagogos protecionistas e nacionalistas se destacaram ao redor do mundo com considerável sucesso - incluindo alcançando a presidência dos Estados Unidos. Eles agora têm o poder para transformar sua retórica protecionista em uma política protecionista” (STIGLITZ, 2017. p), entende-se o fenômeno do posicionamento desintegrador dos governos Trump.

Assim, se observa a mudança do paradigma econômico americano, que, por consequência, influenciou o abandono global do paradigma liberal. O contexto atual se

encontra muito diferente daquele existente no auge da globalização, o qual foi subjugado por barreiras alfandegárias e a reconstrução de fronteiras. Os ideais e mandamentos do Consenso de Washington, postulados juntos a um momento de otimismo com a queda do muro de Berlim e a criação de blocos econômicos, agora dão espaço à formação de uma guerra comercial e tarifária e ao distanciamento entre os Estados Unidos e a China.

Até a primeira década do século XXI se observava um mundo globalizado, descrito como “uma transformação na escala da organização humana que vincula comunidades distantes e expande o alcance das relações de poder entre as regiões do mundo” (HELD, 2013. p. 1925). Hoje, entretanto, se observa um retorno da priorização da realidade local, um rebaixamento da esfera das relações humanas novamente para a internalização nacional. Isto causa uma desintegração da dinâmica econômica, configurada com a quebra da cadeia global de produção e consumo, marcante na ruptura da parceria sino-americana, e com a diminuição de fluxos de comércio e de capital.

Dessa forma, conclui-se então que, devido a este processo ser caracterizado como um fenômeno ainda muito incipiente, não se permite afirmar com absoluta certeza a concretude de uma desglobalização, especialmente em sentido amplo. Contudo, o que de fato se apresenta é uma crise do multilateralismo e do paradigma liberal como mantidos anteriormente. Aquele mundo do jeito que se demonstrava na década de 1990 não existe mais. Ocorreu, na última década, uma transformação desse paradigma liberal e da busca por um livre mercado internacional para uma configuração muito mais protecionista e isolacionista.

A conjuntura atual, portanto, agravada com o governo Trump II (2025 - atualmente), constrói um contexto de rompimento com aquele multilateralismo institucional antes estabelecido. Agora o cenário apresenta a formação de uma guerra comercial, somada ao avanço das políticas protecionistas, e o distanciamento entre EUA e China, marcando o início do rompimento da parceria que sustentava o principal eixo das cadeias globais de valor e da normalidade globalizada deste sistema financeiro internacional, e que agora enfrenta, por ambos os lados, projetos que anseiam a diminuição dessa interdependência. É possível reconhecer que, ao menos, aquela globalização antes consolidada agora muda de forma, se tornando mais instável, menos densa, e nessa incerteza passa sim a ser questionada. Mesmo não sendo possível, dado

o curto período, um veredito pleno de que a desglobalização é uma realidade, é certo compreender sim que a globalização agora está em xeque e com um futuro imprevisível.

REFERÊNCIAS:

ALVARENGA ALVES, Angela Limongi. **Globalização, desglobalização e impactos na soberania estatal**. Tese de livre docência - Universidade de São Paulo, 2021.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith in Beijing: lineages of the twenty-first century**. London: Verso, 2007

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **A Crise na América Latina: Consenso de Washington ou Crise Fiscal?**. Fundação Getulio Vargas - Pesquisa e Planejamento Econômico, 1991.

CAMPOS, Luís e CANAVEZES, Sara. **Introdução à Globalização**. Instituto Bento de Jesus Caraça, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Beyond Left and Right: The Future of Radical Politics**. Stanford University Press, 1994.

GIDDENS, Anthony. **Runaway World, How Globalization is Reshaping Our Lives**. Routledge, 2003.

HARVEY, David. *A brief history of neoliberalism*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HELD, David. **Global Covenant: The Social Democratic Alternative to the Washington Consensus**. John Wiley & Sons, 2013.

HELD, David ; HALE, Thomas e YOUNG, Kevin. **Gridlock: Why Global Cooperation Is Failing When We Need It Most**. Polity Press, 2013.

KALOUT, Hussein e COSTA, Hugo Bras da. **A rivalidade China-EUA e os interesses estratégicos do Brasil**. CEBRI-Revista Ano 1, Número 2 (Abr-Jun): 70-89, 2022.

MILANOVIĆ, Branko. **Capitalism, alone: the future of the system that rules the world**. Cambridge: Harvard University Press, 2019.

OKONJO-IWEALA, Ngozi. Declaração reproduzida em: REUTERS. **Tariffs cause ‘unprecedented’ disruption to global trade rules, WTO chief says**. Reuters, 2 set. 2025.

SERRA, Narcis e STIGLITZ, Joseph E. **The Washington Consensus Reconsidered, Towards a New Global Governance.** Oxford Press, 2008.

SHIRK, Susan L. '**Internationalization and China's Economic Reforms**'. in KEOHANE. Robert O. e MILNER , Helen V. **Internationalization and Domestic Politics.** Cambridge Studies in Comparatives Politics, Cambridge Press. 1996.

STIGLITZ, Joseph E. **Globalization and Its Discontents Revisited: Anti-Globalization in the Era of Trump.** W. W. Norton & Company, 2017.

STIGLITZ, Joseph E. **The end of neoliberalism and the rebirth of history.** Project Syndicate, New York, 4 nov. 2019. Disponível em: Project Syndicate.

TAVARES, Maria da Conceição e FIORI, José Luís (orgs.). **Poder e dinheiro: uma economia política da globalização.** 2^a. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

VIETOR, Richard. **Trump: From Globalism to Isolationism.** Harvard Business School. 11 de Agosto de 2020.